

1

PERGUNTA

De que vos alimentais?

RESPOSTA

De sono interrompido

Thomas Dekker, *The Noble Spanish Soldier*

— Só espero que alguém famoso como o caraças — disse a voz rouca do outro lado da linha — tenha morrido, Strike.

O homem grande e com a barba por fazer que caminhava na escuridão da madrugada com o telemóvel encostado ao ouvido sorriu.

— Não anda longe disso.

— São seis da manhã, que diabo!

— São seis e meia, mas se quer o que eu tenho, vai ter de o vir buscar — disse Cormoran Strike. — Não estou longe da sua casa. Há um...

— Como é que soube onde eu vivo? — a voz exigiu saber.

— Porque você me disse — explicou Strike, suprimindo um bocejo. — Vai vender o seu apartamento.

— Oh — disse o outro, amolecido. — Boa memória.

— Há um café aberto vinte e quatro ho...

— Que se lixe isso. Venha ao escritório mais tarde...

— Culpepper, tenho outro cliente hoje de manhã, ele paga melhor do que você e eu estive a pé toda a noite. Você precisa disto agora, se quer usá-lo.

Um gemido. Strike ouviu o restolhar de lençóis.

— Só espero que sejam notícias escaldantes.

— No Café Smithfield, em Long Lane — disse Strike, e desligou.

O seu ligeiro coxeio tornou-se mais pronunciado ao descer a encosta em direção ao Mercado de Smithfield, monolítico na escuridão do inverno, um vasto templo vitoriano de forma retangular dedicado à carne, onde, a partir das quatro da manhã aos dias de semana, a carne de animais era desde há séculos descarregada, cortada, embalada e vendida a talhos e restaurantes por toda a cidade de Londres. Strike ouvia vozes na escuridão, instruções berradas e os rancos e apitos de camiões a fazerem inversão de marcha para descarregarem as carcaças de animais. Ao entrar em Long Lane, parecia meramente um dos muitos homens bem protegidos contra o frio que já tinham metido mãos ao trabalho naquela segunda-feira de manhã.

Um grupo de carregadores com casacos fluorescentes e canecas de chá nas mãos enluvadas estava por baixo de um grifo de pedra que montava guarda numa das esquinas do edifício do mercado. Do outro lado da rua, a brilhar como uma lareira aberta contra a escuridão envolvente, estava o Café Smithfield, aberto vinte e quatro horas por dia, um oásis de calor e de comida gordurenta do tamanho de um armário.

O café não tinha casa de banho, mas os seus clientes podiam usar a da loja de apostas algumas portas adiante. Porém, como a loja de apostas Ladbrokes só abriria daí a três horas, Strike fez um desvio, enfiando por uma travessa, e junto a um portal escuro aliviou a bexiga cheia quase a rebentar de café fraco bebido no decurso de uma noite de trabalho. Exausto e cheio de fome, com o prazer que só um homem que se forçou a ultrapassar os seus limites físicos pode sentir, entrou por fim na atmosfera saturada de gordura de ovos estrelados e *bacon* frito.

Dois homens vestindo casacos de lã e impermeáveis tinham acabado de deixar uma mesa livre. Strike encaixou o seu corpanzil no pequeno espaço e deixou-se tombar, com um grunhido de satisfação, na dura cadeira de madeira e metal. Quase antes de Strike pedir o que queria, o proprietário italiano pôs-lhe à frente uma grande caneca branca com chá, acompanhado por triângulos de pão branco com manteiga. Daí a cinco minutos estava à sua frente um pequeno-almoço inglês completo numa grande travessa oval.

Strike não destoava dos homens fortes que entravam e saíam do café. Era grande e moreno, tinha cabelo espesso, curto e encara-

colado, com entradas na testa alta e abobadada que encimava um nariz largo de pugilista, e sobrancelhas espessas e arrogantes. Tinha o queixo sujo da barba por fazer e umas olheiras da cor de pisaduras faziam os seus olhos escuros parecerem maiores. Comeu a olhar sonhadoramente para o edifício do mercado do outro lado da rua. A entrada em arco mais próxima, com o número dois, começava a ganhar substância à medida que a escuridão se ia desvanecendo: um rosto duro de pedra, antigo e com barba por cima do arco da entrada devolvia-lhe o olhar fixo. Alguma vez teria havido um deus das carcaças de animais?

Tinha começado a comer as salsichas quando Dominic Culpepper chegou. O jornalista era quase tão alto como Strike, mas magro, com a pele de um menino de coro. Uma estranha assimetria, como se alguém lhe tivesse torcido o rosto no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, impedia que fosse bonito como uma menina.

— Espero bem que o que me traz seja bom — disse Culpepper enquanto se sentava, tirava as luvas e olhava quase com suspeita à sua volta.

— Quer comer? — perguntou Strike com a boca cheia de salsicha.

— Não — disse Culpepper.

— Prefere esperar até poder arranjar um *croissant*? — perguntou Strike com um sorriso trocista.

— Vá-se lixar, Strike.

Era quase pateticamente fácil irritar o ex-menino de colégio particular, que mandou vir chá com um ar de desafio, chamando ao empregado de mesa indiferente (como Strike notou, divertido) «ó amigo».

— Então? — perguntou Culpepper, com a caneca de chá quente nas suas longas mãos pálidas.

Strike enfiou a mão no bolso do sobretudo, tirou um envelope e passou-lho sobre a mesa. Culpepper tirou o seu conteúdo e começou a ler.

— Fogo — disse em voz baixa ao fim de uns momentos. Folheou febrilmente os papéis, alguns dos quais estavam cobertos com a letra de Strike. — Onde raio é que arranjou isto?

Strike, que tinha a boca cheia de salsicha, apontou com um dedo para um dos papéis, no qual estava escrevinhado um endereço de um escritório.

— Foi a assistente pessoal dele — disse, quando finalmente engoliu. — Ele tem andado a comê-la, para além das duas de que você já sabia. Ela acabou de se capacitar de que não vai ser a próxima Lady Parker.

— Como raio é que você descobriu *isso*? — perguntou Culpepper, fitando Strike por cima dos papéis que tremiam nas suas mãos excitadas.

— Trabalho de detetive — disse Strike com a voz embargada por mais um pedaço de salsicha. — Os da sua laia não costumavam fazer isso, antes de começarem a subcontratar tipos como eu? Mas ela tem de pensar nas perspectivas de emprego futuro, Culpepper, por isso não quer aparecer na história, entendido?

Culpepper resfolegou.

— Ela devia ter pensado nisso antes de palmar...

Com um movimento destro, Strike arrancou os papéis aos dedos do jornalista.

— Ela não os palmou. Ele mandou-a imprimir-los esta tarde. A única coisa que ela fez de mal foi mostrar-mos. Mas se vai esparrear a vida privada dela nos jornais, Culpepper, eu fico com eles.

— Não me lixe — disse Culpepper, estendendo a mão para as provas de evasão fiscal por atacado que Strike tinha na mão peluda.

— Está bem, deixamo-la de fora. Mas ele vai ficar a saber onde arranjámos isto. Não é parvo de todo.

— O que é que ele vai fazer, levá-la a tribunal, onde ela pode dar com a língua nos dentes sobre todas as outras coisas duvidosas que presenciou nos últimos cinco anos?

— Muito bem — suspirou Culpepper após um momento de reflexão. Dê-mos cá. Eu deixo-a de fora da história, mas vou precisar de falar com ela, não é? Para confirmar que ela é fidedigna.

— Esses documentos são fidedignos. Você não precisa de falar com ela — disse Strike firmemente.

A mulher abalada, embeijada e amargamente traída que ele tinha acabado de deixar não ficaria em segurança sozinha com Culpepper. No seu desejo selvagem de vingança contra um homem que lhe tinha prometido casamento e filhos, causaria danos irreparáveis a si própria e às suas perspectivas de emprego. Strike não demorara muito a obter a sua confiança. Ela tinha quase quarenta e dois anos; pensara que iria ter filhos com Lord Parker; agora, dominava-a uma espécie de sede de sangue. Strike tinha ficado sentado com ela várias horas, a escutar a história da sua paixão, a vê-la

em lágrimas a andar de um lado para o outro na sala de estar da sua casa, a balouçar-se para a frente e para trás no sofá, com os nós dos dedos na testa. Finalmente, tinha acedido àquilo: uma traição que representava o funeral de todas as suas esperanças.

— Você vai deixá-la de fora de tudo isto — disse Strike, com os papéis firmemente agarrados na sua mão em punho, que tinha quase o dobro do tamanho da mão de Culpepper. — Certo? Isto continua a ser uma história do caraças mesmo sem ela.

Após um momento de hesitação e com uma careta, Culpepper cedeu.

— Pronto, está bem. Dê-mos cá.

O jornalista enfiou os documentos num bolso interior do casaco e bebeu o chá de um gole, e a sua irritação momentânea com Strike pareceu desvanecer-se com a gloriosa perspectiva de dismantelar a reputação de um nobre britânico.

— Lord Parker de Pennywell — murmurou todo satisfeito —, estás bem lixado, camarada.

— Suponho que o dono do seu jornal paga isto? — perguntou Strike quando a conta foi pousada na mesa entre os dois.

— Sim, sim...

Culpepper atirou com uma nota de dez libras para a mesa e os dois homens saíram juntos do café. Strike acendeu um cigarro mal a porta do café se fechou atrás deles.

— Como é que conseguiu que ela falasse? — perguntou Culpepper quando começaram a caminhar juntos no frio, passando pelas motorizadas e pelos camiões que ainda estavam a chegar ao mercado e a partir.

— Escutei-a — disse Strike.

Culpepper disparou-lhe um olhar de lado.

— Todos os outros detetives privados a que recorro passam o tempo a fazer escutas telefónicas.

— Isso é ilegal — disse Strike, soprando fumo para a escuridão ténue.

— Então, como é que...?

— Você protege as suas fontes e eu protejo as minhas.

Avançaram cinquenta metros em silêncio, com o coxeio de Strike mais pronunciado a cada passo.

— Isto vai ser uma bomba. Uma bomba — disse Culpepper todo satisfeito. — Aquele velho hipócrita tem andado a denunciar

a ganância das grandes multinacionais e afinal tem vinte milhões bem escondidos nas ilhas Caimão...

— Prazer em poder ajudar — disse Strike. — Mando-lhe a nota de honorários por *e-mail*.

Culpepper lançou-lhe outro olhar de lado.

— Viu o filho do Tom Jones no jornal na semana passada? — perguntou.

— O Tom Jones?

— O cantor galês — disse Culpepper.

— Oh, ele — disse Strike sem entusiasmo. — Eu conheci um Tom Jones no exército.

— Viu a história?

— Não.

— Ele deu uma bela e longa entrevista. Diz que nunca se encontrou com o pai, que nunca teve uma palavra dele. Aposto que recebeu mais do que você me vai cobrar.

— Ainda não viu a minha nota de honorários — disse Strike.

— Só lhe estou a dizer. Uma pequena entrevista e você podia tirar umas noites de folga de interrogar secretárias.

— Vai ter de parar de fazer essa sugestão — disse Strike —, ou eu vou ter de deixar de trabalhar para si, Culpepper.

— É claro — disse Culpepper —, eu podia publicar a história, de qualquer maneira. Filho ignorado por estrela de *rock* é herói de guerra, nunca conheceu o pai, trabalha como detetive pri...

— Dar ordens a alguém para fazer escutas telefónicas também é ilegal, ouvi dizer.

Ao cimo de Long Lane abrandaram o passo e viraram-se para olharem um para o outro. A risada de Culpepper foi nervosa.

— Fico à espera da sua nota de honorários, então.

— Tudo bem.

Partiram em direções diferentes, com Strike a encaminhar-se para a estação de metro.

— Strike! — A voz de Culpepper ecoou na escuridão por trás dele. — Você comeu-a?

— Mal posso esperar para ler a notícia, Culpepper — berrou Strike, enfadado, sem virar a cabeça.

Coxeou para a sombria entrada da estação e Culpepper perdeu-o de vista.